

POEMAS DA MORTE

A Godofredo Maciel

Índice

[Dedicatória](#)

[Germinal](#)

[Marcha fúnebre](#)

[Pórtico](#)

[Olhos funéreos](#)

[No Gólgota](#)

[Funeral de um lyrio](#)

[Campo Santo](#)

[Sobre a Morte de José do Patrocínio](#)

DEDICATÓRIA

Tu que trazes contigo a energia da vida
E que a vida de novo, em rápido transporte
Implantaste em meu seio, - a fúnebre guarida
Dos meus mortos ideais, - animadora e forte;

Tu que o primeiro amor, levaste de vencida
E deste à alma transviada, outro rumo, outro norte,
Do áureo nicho em que estás, faze vir comovida,
A bênção desse olhar para os "Poemas da Morte".

Do deserto país que povoaste de sonho

Sê, lá do teu altar, a aureolada padroeira,
E aceita toda a fé que nos meus versos ponho.

Lua e Sol! A aclarar-me a sinuosa carreira,
Para o dia final sé tu meu sol risonho,
Sê tu meu doce luar na noite derradeira.

GERMINAL

Passou. A vida é assim: é o temporal que chega,
Ruge, esbraveja e passa, ecoando, serra a serra,
No furioso raivar da indômita refrega
Que as montanhas abala e os troncos desenterra.

Mas o pranto, afinal, que essa cólera encerra
Tomba: é a chuva que cai e que a planície rega;
E a cada gota, ali, cada gérmen se apega
Fecundando, a minar, toda a alagada terra.

Também o coração do convulsivo aperto
Da dor e das paixões, das angústias supremas,
Sente-se livre, após, a um grande choro aberto.

Alma! já que não é mister que ansiosa gemas,
Alma! fecunda enfim nas lágrimas que verto,
Possas tu germinar e florescer em Poemas!

MARCHA FÚNEBRE

I

Baixaste sobre mim teu olhar funerário
Numa resignação piedosa de hora extrema,
E as pálpebras caindo em alvas de sudário
Velaram-me de todo a luz clara e suprema,

E tateante no mundo hostil, no mundo vário,
Sem outro guia, sem outra alma que o meu poema
Ilumine e engrinalde e o faça extraordinário,
- Um poema em que minh'alma artista ria ou gema –

Vou para além ouvindo uma música nova
Feita de pás de terra a te cair no peito
Como que para pôr o meu amor à prova

E essa música ouvindo, estranha em seu efeito,
Sinto a luz a morrer e cantarem-lhe à cova
Um funéreo e feral réquiem de luares feito.

II

Esvaziaram de todo a cova em que dormiste
O sono a que ainda tens a tu'alma sujeita,
E vem dela o som cavo, o monótono e triste,
Vão queixume da terra em lágrimas desfeitas.

Sinto distintamente! Esse queixume existe:
É a saudade da terra aos teus ossos feita;
É o soluço que vem da cova em que dormiste
O sono a que ainda tens a tu'alma sujeita.

Há por tudo o rumor de um choro desolado;
Cantam chorosamente as árvores e os fossos;
Nossas almas lá vão, unidas lado a lado...

Espalharam à noite os teus brancos destroços
E a noite, na viuvez do teu perfil amado,
Verte funereamente o luar sobre os teus ossos!...

III

Essa cova que aí está, revolvida e vazia,
Encerra ainda o calor que trouxeste do mundo;
Contém toda a saudade e atra melancolia
De um sofrimento obscuro, incurável e fundo.

Apenas, no arvoredado, a rouca sinfonia
Do vento vem chorar em cantochão profundo,
E a noite derramar toda a orvalhada fria
Do pranto em que também a minha face inundo.

Pois é assim a minh'alma, a inconsolada imagem
Dessa cova que aí está ainda exaltante e quente,
Do calor que lhe deste à rápida passagem.

Essa cova a retrata, essa que tem somente
Por supremo consolo, a lúrida ramagem
De um salgueiro a chorar desoladamente...

IV

Encerraram-te aqui as cinzas veneradas;
Esta urna te contém, eternamente, agora,
Nela também existo e as noites e alvoradas
Passem, pouco me importa, ululando lá fora.

Tenho-lhe a adoração das relíquias sagradas,
Pois este relicário onde o meu sonho mora,
Contém, para a minh'alma, as ilusões passadas
E a pulverização do teu perfil de outrora.

É-me grato sentir, pelas noites sem termo,
Toda a apaziguação do meu tormento vário,
Tendo-te junto a mim a aclarar o meu ermo.

Tendo-te junto a mim, sob este alampadário,
E ver com que saudade e com que esforço enfermo,
Morre a luz em redor do teu incinerário...

V

Ressurgiste afinal nessa glória suprema
Com que hás de eternizar a minha vida e a tua;
Pois por ela é que escrevo e trabalho o meu poema
- O poema em que noss'alma idílica flutua. -

Ressurgiste afinal! Não mais minh'alma trema
Ante o frio glacial dessas noites sem lua,
E esses dias sem sol de uma ansiedade extrema!
Pois vieste e veio a luz que em ti se perpetua.

Desde o dia fatal, em que cedeste à doença,
Desde que te partiste, aqui me tens clamando
Pela volta da luz, pela tua presença...

Aqui me tens Tateando, aqui me tens lutando!...
E, ai! não viesses tão cedo! e eu não sei se há quem vença
A um cortejo de treva, uns funerais cantando!...

PÓRTICO

Naquele olhar em que moram meu sonho e guia,
E onde vou procurar tudo que almejo e quero,
Embalde busco a vida. A efêmera alegria
Do viver, não perturba o seu fulgor sincero.

Nada que for terreno e alegre cante ou ria,
Vive nesse altar de onde o bem supremo espero;
Mas há nele o perdão, graças de Ave-Maria,
Prenúncios de além-céu em cada raio austero.

Necrólatras que andais na eterna romaria
Dos túmulos, buscando algum sonho que o fero
Destino arrebatou de voss'alma sombria,

A mim, que sou da Morte, o impenitente Ahasvero,
Vinde, eu vos mostrarei, cantando esta elegia,
Tudo que ainda sonhais, naquele olhar severo.

OLHOS FUNÉREOS

Naqueles olhos onde os
astros moram
Trocando o céu que têm por
céu mais belo,
A sombra negra da paixão
de Otelo
Passa rugindo com um
punhal na mão.

LUIZ DELFINO

.....
.....
*...les yeux s'agrandiront, tant ils auront vu des choses éffrayantes; le travail de la
vie, - et de quelle vie! - dégagera de la vierge timide une femme de passion et de
combat, consciente de sa supériorité, de son doux et sombre pouvoir pour
l'amor et pour la mort.*

EUGENE MELCHIOR DE VOGUÉ
(Calherine Sforza)

I

Esse olhar cuja luz, nesta elegia, canto;

Que, apesar de funéreo, aviva um peito exausto,
Encerra para mim o extraordinário encanto
De um palácio que dorme à sombra do seu fausto.

Olhar que mesmo enxuto a outro olhar mostra o pranto
E que passa por nós como um prenuncio infausto.
Dentro da orla da cor roxo-azul de agapanto.
Que o circunda, ele acende um íogo de holocausto.
Frio é sempre esse olhar imprevisto de orago
Que profetiza a morte e a vida nos consente
Dentro do seu negror amortecido e vago.

Fátuas fulgurações o animam de repente;
Mas toda a luz que espalha aquele olhar aziago
É o sinistro clarão de uma câmara ardente.

II

Olhos feitos de treva e feitos de martyrio,
Macerados ao fundo augura! das olheiras,
Surgem dessa brancura immaculado lyrio
Que a sombra clausal põe na face das freiras.

Olhos! vosso fulgor é o fulgor do delírio;
É o supremo clarão das Horas-Derradeiras.
- Luz mortuária e final, a agonizar num círio,
Alumiando um tendal de túbias e caveiras. -

Sois do fel do viver a embebedora esponja;
Cantam dentro de vós os responsos e os psalmos
De um mundo onde não há nem traição nem lisonja.

E a dona angelical, desses dois olhos calmos,
Como que nos faz ir, volvendo o olhar de monja,
Em doce romaria ao vai dos Sete-Palmos.

III

Lê-se no seu olhar o derradeiro tomo
De um estranho missal feito de ritos vários,
E ante o qual as paixões e os sentidos eu domo
Numa genuflexão de aras e de sacrários.

Circundam-lhe o negror dos seus olhos mortuários

As olheiras da cor cristã do cinamomo,
- Cor do fumo que sai de amplos turibulários
Ascendendo para o ar em litúrgico assomo. -

Qualquer que seja a luz que desse olhar irrompa,
Nunca há nele a agudez de uma nota encarnada
Nem o alegre estridor de alaridos de trompa.

Traz-nos sempre à lembrança em fera! desfilada,
O fúnebre esplendor e a lutulenta pompa
De um féretro suntuoso em caminho do Nada.

IV

Dentro do funeral dos seus olhos pressagos,
Enlutados talvez por algum sonho extinto,
Como na estagnação sinistra de dois lagos
Mira-se duplamente a mesma flor do Instinto.

Olhos! vós sois, por certo, o fúnebre recinto.
Onde vêm responsar, aos íntimos estragos,
Os restos de ilusão que dentro d'alma sinto
E que são para mim meus únicos afagos.

Perturba a placidez do meu sonhar de asceta,
O angúrico fulgor dos seus dois negros cílios
Imponderáveis como asas de borboleta.

Os meus mortos ideais em teu olhar, asile-os
Essa, que ele me abriu, cova humilde e discreta,
Onde irei sepultar meus últimos Idílios...

V

Olha! de par em par, as duas portas abro
Que deitam para o céu por teus olhos de sombra;
Este mundo febril, este mundo macabro,
Já me não horroriza e já me não assombra.

Ê o céu! da Via-Láctea o estranho candelabro
Fulge. Em tudo há fulgor e há carícias de alfombra;
Luz-me no teu olhar da lua o rosto glabro,
Nada o olhar me perturba ou a mente me ensombra.

Só tristeza, entretanto, em teus olhos me mostras
- Tal se fossem a tumba em que os sonhos empedro
Como pérolas dentro à válvula das ostras; -

E os cílios, doce alpendre à cuja sombra medro,
Como, neles meu ser, todo fechadas e prostras
Num círculo feral de casuarina e cedro!...

NO GÓLGOTA

I

"-Para atenuar o horror desta vida sem tréguas,
Sondo-a e busco entendê-la, arcano por arcano.
Para que as más paixões te não sigam, carrego-as
Sobre os frágeis e vis ombros de humilde e humano.

As dores que este sofre e aquele sofre, rego-as
Só do meu pranto, só do meu sangue espartano." –
E assim falando o Poeta, a voz, léguas e léguas,
Por terra e céus se ouviu num clangor soberano.

Mas tudo emudeceu ante o voto supremo...
E nem um Cireneu ao novo Cristo: e a carga,
Ele a leva, a cantar, de um extremo a outro extremo!

E oh! Poeta! O mundo só te dá para tão larga,
Missão, diante da qual também arquejo e tremo,
A dor que mais te dói e o fel que mais te amarga.

II

Rugem-te em derredor os Fariseus e Escribas
E a alma humana moderna – essa nova Aquerusa
De paus marginais e pestilentes ribas –
Busca, embalde, afogar-te a imorredoura Musa.

Grandiosa ou meiga ou pura, uma idéia que exhibas
Irritas a multidão que raivosa te acusa.
Mas do Outeiro da Luz a que afinal arribas,
Hás de vê-la a teus pés deslumbradas e confusa.

Tu, cujo verso em forma e em colorido assume
Revelos de Cellini ou tintas de Correggio,
Quer eleves o amor, quer exaltes o ciúme,

Sofre e sangra por teu sonho de ideal. Inveje-o
Embora, o mundo vil! Todo o teu ser resume,
Na plenitude astral daquele sonho egrégio!...

III

Do sonho que te aclara o luminoso espectro,
Cor a cor, queres dar na cambiante da rima.
Lira d'ouro entre mãos, a desferi-la ao plectro,
Verso a verso vais ter do teu Gólgota acima.

Lapidário tenaz, no tórculo do metro
Premes a forma e a forma entre os teus versos prima;
Passo a passo eu te sigo e esse abysmo penetro,
A cujo centro, em fogo, o teu estro se anima.

Quer tenhas sobre ti bênçãos que o céu reparte,
Ou tenhas o que sofro, examino e contemplo,
- Venhas de tu um Paul ou de algum templo de arte, -

Deves sempre seguir o fatídico exemplo:
Para que o mundo vil possa um dia adorar-te
É preciso enxotar os vendilhões do Templo.

IV

Se além de um Sinedrim de inúmeros Caifazes
Cuja falsa noção, do sonho de seqüestra;
Se do lenho, apesar, que sobre os ombros trazes,
Nessa face divina Ahasvero espalma a destra;

Se não gozas em vida essas glórias falazes
Em cujo meio vil a alma dos vis se amestra,
Tens em compensação, dos teus versos audazes,
Vibrando eternamente, a formidanda orquestra.

Para te alvorecer a existência sombria,
Tiveste, no Jordão, da água lustra a cena
Cuja recordação na alma humana irradia,

E atingiste os dois graus de ventura terrena;
Sugaste ao nascimento o seio de Maria,
E do cimo da Cruz, vês o de Madalena!...

V

Que importa que Adriano em profanosa cena
Chegue ao Gólgota e insulte a tua catacumba?
Após ele terás a imperatriz Helena,
Quer triunfe o teu estro ou teu estro sucumba.

Se sofres do martírio as dores, pena a pena,
O clangor do teu verso entre glórias retumba.
- Que te importa sofrer se a tortura é pequena
Ante o peso com que teu verbo as almas chumba?

Seja o teu tribunal de cátedra ou de exédra;
Tenha o teu leito embora um cravo em cada fulcro,
Sabes que no porvir somente o gênio medra.

Certo, resplenderá teu espírito pulchro,
E, ao tombar sobre ti da tumba a horrenda pedra,
Todos irão beijar o teu Santo Sepulchro.

VI

Que vale teres tido, a iniquidade humana,
Escribas, fariseus, Cartáfilos e Herodes?
Eles só podem ver pela Santa Semana
O quanto a alma dos bons pelo teu bom acordes.

Redres a cepa sempre, e sempre a rama podes
Dessa Vinha de Fé de onde o teu sangue emana,
E ela viverá nos psalmos e nas odes
Que te ouvem desferir à lyra soberana.

Catharma resplendente o teu martyrio esvurma
Luzes, sóis e não pus, quer o gênio apostrofes,
quer do gênio em teu leito um gênio amigo durma.

Hás de enfim ressurgir, sonhes ou filosofes,
E ante, dos guardas teus, a laucinada turma,
Escalarás o céu num resplendor de Estrofes!...

FUNERAL DE UM LYRIO

À angelical memória de Judith Barros

Faces brancas que outrora os rosais da saúde

Coloriram de um tom de púrpura e de opala,
E o sol que vive à flor de cada juventude
Aureamente aureolou de uma aurora de gala;

Boca que o leve odor do sonho e da virtude
Trescalava ao soltar os violinos da fala,
Olhos! - astros no brilho e noite na amplitude,
Tudo, enfim, que era dela hoje a morte avassala!

Dos olhos resta a noite, - o amplo olhar apagado,-
A boca se calou na sombra e no mysterio,
E ela as faces velou no lúgubre noivado.

Virgem morta! a envolvê-la em seu leito funéreo,
Só tem ela o palor de um mármore inundado,
Da lividez do luar dentro de um cemitério!...

CAMPO SANTO

Eis-me afinal de novo entre os meus bons convivas,
Só com meus sonhos, só, com a minha saudade,
E as mortas ilusões e ilusões redivivas
De que o morto passado a alma toda me invade.

Porque se me hão de impor, fortes e decisivas,
As descrenças dos que, sem fé, sem caridade,
Sem esperança, vêm dessas alternativas
De mal fingido amor e fingida piedade?

Sinto-me preso aqui. Entre angústias me envolvo,
- Esfinge que se envolve entre os arcaís da Líbia -
Mas o fatal problema entre audácias resolvo:

Alma! que importa a dor que te devora? Exibe-a
Ante a morte que em seus tentáculos de polvo
Mói crânio contra crânio e tibia contra tibia!

SOBRE A MORTE DE JOSÉ DO PATROCÍNIO

I

Crestada ao sol de atroz verão, pendia
A tulipa do Sonho e do Talento.
Mas quem da rara flor perto sabia
Que ela soltava o derradeiro alento?

Por que motivo hoje é tão claro o dia
E anda no céu este deslumbramento?
Da Natureza, oh! Trágica ironia!
- A terra em luto e em gala o Firmamento? –

É que Tu, mais ao céu que à terra inteira,
Estendas teu mágico domínio!
Águia pairando à cérula fronteira!

Não te queria o céu ver em declínio,
E se te chora a pátri brasileira,
Ele em pompas te aguarda, Patrocínio!

II

Hoje, afinal a Terra reconquista
Todo o seu grande e maternal direito,
Recebendo em seu seio o Filho Eleito,
- O, da palavra, Poderoso Artista!

Que o nunca repousado Jornalista
Tenha repouso, enfim, no eterno leito!
E aos funerais de um Justo e de um Perfeito,
O mundo inteiro comovido assista!...

Ninguém mais rico em gênio, nem mais nobre.
Entanto, Esse que baixa à sepultura,
É um nababo que morre humilde e pobre!

Negro feito da essência da brancura,
Esse que a Terra hoje em seu seio cobre,
Sóis porjeva pela pele escura!